

OBESIDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Emilly Oliveira Stange ¹, Heloisa Batista Vilela Costa ¹, Rafaela França Lima ¹ Michele Pereira de Paula Oliveira ²

¹ Acadêmicas do curso de Nutrição da Faculdade Multivix Nova Venécia

² Especialista, Nutricionista, Docente da Faculdade Multivix Nova Venécia

RESUMO

A obesidade nas últimas décadas é vista como uma epidemia mundial atingindo crianças e adolescentes de diferentes classes sociais, o que reflete na troca dos hábitos alimentares e o maior acesso a alimentos industrializados e ultraprocessados. Por ser uma doença multifatorial a obesidade pode ser fator de risco para outras patologias (Diabetes mellitus, hipertensão, doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer). Além de, também causar impactos psicossociais principalmente na infância causando baixa autoestima, insegurança e distorção de imagem, podendo causar distúrbios alimentares afetando a fase adulta. A obesidade infantil dever ser tratada por uma equipe multidisciplinar com o auxílio principal da família, para que haja a influência de uma alimentação saudável desde o início, principalmente o estímulo à amamentação. De acordo com a Unicef a amamentação é a forma mais eficaz de se garantir um bom desenvolvimento para o bem-estar emocional e social da criança. A infância é marcada pelo desenvolvimento de habilidades motoras, emocionais, psicológicas e sociais, com isso, a introdução de alimentos saudáveis na primeira infância é importante para que futuramente evite problemas de saúde. Os métodos utilizados na pesquisa tiveram a combinação de serem pesquisas bibliográficas exploratórias.

Palavras-chave: Primeira infância; Ultraprocessados; Introdução alimentar; Impactos psicossociais.

ABSTRACT

Obesity in recent decades is seen as a worldwide epidemic affecting children and adolescents from different social classes, which reflects in the change of eating habits and greater access to industrialized and ultra-processed foods. As it is a multifactorial disease, obesity can be a risk factor for other pathologies (Diabetes mellitus, hypertension, cardiovascular diseases and some types of cancer). In addition, it also causes psychosocial impacts, especially in childhood, causing low self-esteem, insecurity and image distortion, which can cause eating disorders affecting adulthood. Childhood obesity should be treated by a multidisciplinary team with the main help of the family, so that there is an influence of a healthy diet from the beginning, especially the stimulus to breastfeeding. According to Unicef, breastfeeding is the most effective way to ensure a good development for the emotional and social well-being of the child. Childhood is marked by the development of motor, emotional, psychological and social skills, so the introduction of healthy foods in early childhood is important to avoid health problems in the future. The methods used in the research had the combination of being exploratory bibliographic research.

Keywords: Early childhood; Ultra-processed; Food introduction; Psychosocial impacts.

1. INTRODUÇÃO

Nestas últimas décadas, tem-se observado um número relevante de casos de obesidade no mundo, onde ela passou a ser caracterizada como doença e vista como uma nova epidemia mundial (ALMEIDA et al., 2011). A obesidade é uma doença multifatorial e é um fator de risco para outras doenças, tais como hipertensão, doenças cardiovasculares, diabetes mellitus. Vários são os problemas que são encontrados na infância, o que mais chama atenção é a obesidade, na qual está sendo um problema na saúde das crianças.

A primeira infância é o período que abrange as crianças de zero a seis anos de idade, uma fase importante na vida da criança, pois é um período de desenvolvimento, que são influenciados pela realidade na qual está inserida, pelos estímulos que recebe e pela qualidade dos vínculos afetivos que vivencia. Justamente por isso o início da vida deve receber proteção e atenção especial, para um bom desenvolvimento no decorrer do ciclo da vida (DAHLBERG; MOSS; ALAN, 2019).

Dentre as inúmeras áreas da nutrição, ressalta a nutrição clínica, que se caracteriza pelo olhar biomédico, voltado enfaticamente para o metabolismo e para a doença, ficando excluídas as relações sociais e a intersubjetividade, com estudos voltados ao aspecto nutricional, sem considerar o alimentar (OLIVEIRA et al., 2014). A nutrição é de suma importância para garantir crescimento e desenvolvimento adequados.

Por meio de uma alimentação adequada pode-se prevenir doenças na fase da vida adulta. Diante disso, é essencial que haja a formação de hábitos alimentares saudáveis desde a infância, para garantir melhor qualidade de vida. Todavia, em muitos casos, a alimentação saudável não é trabalhada desde os primeiros anos de vida da criança. Assim, elas acabam realizando escolhas alimentares através da influência midiática. Logo, é imprescindível que haja a participação dos pais para evitar que isto ocorra (BRASIL, 2008).

Por ser considerada uma epidemia mundial, para Bosco e Sulzabach (2012, p.124):

Para mudarmos esse cenário, são necessárias alterações no estilo de vida. E essas mudanças podem ser iniciadas ainda com a amamentação, que além de trazer benefícios à saúde da criança, pode prevenir contra a obesidade infantil. A atividade física também se torna benéfica para a saúde infantil.

Por isso o trabalho tem o intuito de analisar alguns dos fatores do aumento da obesidade que são por alterações hormonais, sendo assim sabe-se que as doenças endócrinas são responsáveis por apenas 5% de casos de obesidade (BARBOSA, 2009), e os outros 95% podem estar associados ao nível socioeconômico, escolaridade e sobrepeso materno, cor da pele, idade, sexo, peso ao nascer e tempo de amamentação (MELLER; ARAUJO; MADRUGA, 2014), com isso nos países industrializados a ingestão de industrializados é elevada e desbalanceada de alimentos.

A obesidade pode surgir em qualquer época da vida, porém há uma alta relevância nos primeiros anos de vida (FREITAS et al., 2009). Portanto, este estudo realizou uma revisão bibliográfica sobre a alimentação de industrializados na primeira infância.

A obesidade infantil é um assunto que merece uma atenção especial, pelo fato de estar tendo um índice muito alto nos últimos anos. Nas últimas décadas foram realizados estudos epidemiológicos na qual apontaram que a obesidade tem como condição, a pré-disposição a maior índice de morbidade e mortalidade (BECK, 2018). O fato de a criança ter engordado alguns quilos não significa que ela tenha se tornado obesa. Segundo Barbosa (2009), para chegar a essa afirmação, é necessário, antes de tudo, verificar se a relação entre peso e altura se enquadra nas características que configuram obesidade.

O trabalho multidisciplinar de profissionais da saúde nas unidades básicas de saúde ajuda a se obter um diagnóstico precoce, por isso, para Marcini (2021), médicos e profissionais da saúde na qual trabalham em atendimentos primários devem ter capacitações sobre a obesidade e o tratamento dela, saber e, principalmente, preocupa-se em diagnosticar a ocorrência do excesso de peso, receber orientações de como tratá-lo e conhecer as doenças crônicas associadas a obesidade. Por ser considerada uma doença crônica multifatorial a obesidade deve ser tratada por uma perspectiva multifatorial (FRONTEZK; BERNARDES;

MODENA, 2017).

O ser humano é capaz de se adequar a novos hábitos. Quando se trata de alimentação o ser humano é hábito a prosperar quase toda a terra, consumindo desde alimentos de origem animal, até tubérculos e cereais, por isso a evolução humana tem a capacidade de se diversificar nas dietas de acordo com as necessidades do corpo (BARBOSA, 2009).

O marketing tem se tornado aliado as pequenas e grandes empresas, para auxiliar no consumo dos alimentos industrializados, principalmente para as crianças, pois o próprio marketing utiliza personagens dos desenhos infantis para que as crianças se encantem e façam os responsáveis adquirir o produto, na qual o produto é pobre em nutrientes. Para Barbosa (2009), por serem visualmente atraentes e ricos em energia e gordura, os alimentos estão disponíveis todos os dias e todas as horas, e em todos os lugares. Por serem alimentos atraentes, eles são ricos em gorduras, açúcares refinados e alimentos industrializados e com poucos carboidratos complexos e fibras.

Com o objetivo de ressaltar a importância de compreender a obesidade na primeira infância, analisando os principais fatores que levam à uma má alimentação nas crianças de 1 a 6 anos, para assim amenizar os impactos fisiológicos na segunda infância, evitando assim problemas de saúde, como hipertensão, problemas cardiovasculares, obesidade mórbida, entre outros. Analisando desde a amamentação, a introdução alimentar, a influência da família e o contato com mídias sociais, para entender como podem afetar a criança e sua saúde.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INTRODUÇÃO ALIMENTAR E RELAÇÃO/INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

A primeira infância é composta por crianças na faixa etária de zero a seis anos de vida, é um período crucial no qual ocorre o desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais, bem como a aquisição de capacidades fundamentais que permitirão o aprimoramento de habilidades futuras mais complexas (DAHLBERG; MOSS; ALAN, 2019).

Na infância deve ser estimulado o cérebro, um órgão responsável pela nossa capacidade de pensamento, movimento voluntário, linguagem, julgamento, percepção, com isso, investir na fase infantil representa uma janela de oportunidade crucial para saúde, o aprendizado, o desenvolvimento e o bem-estar social e emocional das crianças de até seis anos, garantindo impactos positivos para toda a sociedade (LINHARES et al., 2016).

O aleitamento materno exclusivo é de suma importância para a criança, na qual vem sendo utilizado desde a antiguidade, onde o ser humano já procurava uma forma para alimentar as crianças através do leite da mãe (SULZBACH; DAL BOSCO, 2012).

De acordo com o Ministério da Saúde o aleitamento materno deve ser exclusivo até os seis meses e a manutenção da amamentação até os dois anos de idade. Com tudo cada mês de amamentação materna está associado à redução de 4% no risco de desenvolvimento de excesso de peso (SAITO, 2020). O leite materno é um alimento inato que por sua vez traz vários benefícios para o bebê (PINTO et al., 2021).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Ações Unidas (Unicef) a forma mais eficaz, segura e completa de se alcançar o desenvolvimento e crescimento de uma criança até o sexto mês de vida pós-natal é garantir o aleitamento materno exclusivo desde a primeira hora de vida extrauterina (WEFFORT; LAMOUNIER, 2009).

A importância da amamentação é amplamente conhecida, e entre os benefícios desta prática destaca-se o aumento da sobrevivência, por meio da promoção da saúde e no desenvolvimento das crianças, sejam oriundas de populações de alta, média ou baixa rendas. Além de anticorpos, no leite materno se encontram outros fatores com atividade antimicrobiana e imunomoduladora, como enzimas, citocinas, componentes do sistema complemento, oligossacarídeos, nucleotídeos, lipídeos e hormônios, que contribuem para a imunidade e maturação do sistema imunológico do neonato (FONSECA et al., 2021).

A infância é marcada pelo desenvolvimento de habilidades motoras, emocionais, psicológicas e sociais. Os primeiros anos de vida são definitivos para o

desenvolvimento infantil, e para que o crescimento e o desenvolvimento sejam plenos é primordial que haja cuidados, por exemplo, a oferta do aleitamento materno exclusivo (PEREIRA et al., 2017).

No entanto, não basta apenas a mãe escolher em amamentar. Para levar adiante sua opção, ela precisa estar inserida em um ambiente favorável à amamentação e contar com o apoio de um profissional habilitado a ajudá-la, se necessário (FONSECA et al., 2021).

Desde a vida intrauterina o contato do bebê com a mãe é de suma importância, pelo fato de existir uma relação mútua de trocas entre os dois (LIMA; CORTINAZ; NUNES, 2018). Ao nascer o bebê recebe um contato maior com a mãe através da amamentação sendo ela, uma prevenção a obesidade infantil (VENTURI; SANT'ANNA; MUTTONI, 2021).

O meio familiar e social é de extrema importância na influência da condição de obesidade nas crianças, visto que a obesidade infantil tem aumentado e causado uma maior preocupação para esse problema de saúde. Pois além de fatores genéticos envolvidos, a obesidade infantil também pode se relacionar a hábitos alimentares adquiridos e de um espelhamento a partir da identificação com pais obesos (LINHARES et al., 2016).

Na primeira fase da vida é quando as crianças formam seus hábitos e desenvolvem a formação motora, cognitiva e psicossocial. Sendo apresentado um mundo cheio de possibilidades e elementos que chamam atenção a todo momento, as crianças se tornam cada vez mais curiosas. É quando começa a se estabelecer gostos e preferências, por isso é importante que sejam apresentados alimentos naturais, para que assim crie em seu paladar o costume de ter em sua rotina legumes, hortaliças e frutas (DIAS; CORREIRA; MARCELINO, 2013).

A escola, depois da família, é o lugar no qual a criança mais vai aprender sobre o mundo e ter o contato com as mais diversas situações, por isso é importante que na mesma se tenha o cuidado e atenção com o tipo de alimento que é ofertado as crianças, seja na merenda escolar ou nas cantinas. Mesmo sendo inevitável que as crianças tenham contato com guloseimas e produtos ultraprocessados, se a sua base alimentar for de alimentos naturais e saudáveis a

criança terá autonomia e conhecimento para a escolha de alimentos quando for o momento (CASTRO; LIMA; BELFORT, 2021).

2.2 COMUNIDADE, REDES SOCIAIS E O IMPACTO PSICOSSOCIAL NAS CRIANÇAS

A obesidade infantil é o resultado de uma combinação de fatores, desde a exposição a um ambiente que incentiva o aumento de peso e a obesidade, a comportamentos inadequados e a resposta biológica a esse ambiente, como por exemplo, o aumento de atividades sedentárias da propaganda de alimentos ultraprocessados e do consumo de alimentos considerados obeso gênicos (RASBRAN, 2021).

Apesar de seus malefícios explícitos, grande parte desses alimentos industrializados vão parar direto em nossas mesas, seja pela sua praticidade ou pelo sabor. Mas, os alimentos industrializados sozinhos não são os vilões de uma alimentação equilibrada. Uma alimentação inadequada, pobre em nutrientes causa diversos problemas de saúde. Em crianças, por exemplo, a anemia ferropriva, por falta de ferro, é considerada uma das doenças mais comuns (SANTOS, 2018).

De acordo com Garcia (2003) a globalização atinge a indústria de alimentos, o setor agropecuário, a distribuição de alimentos em rede de mercados de grande superfície e em cadeias de lanchonetes e restaurantes. Tem-se percebido a tendência dos brasileiros em adotarem novos hábitos, criados pela indústria alimentar e marcados pelo consumo excessivo de produtos artificiais, em detrimento de produtos regionais com tradição cultural (BLEIL, 1998; MONDINI, 1994; SOUZA, 2002).

Há uma transição nutricional que é definida como conjunto de mudanças nos padrões nutricionais resultantes de modificações na estrutura da dieta dos indivíduos e que se correlacionam com mudanças econômicas, sociais, demográficas e relacionadas à saúde. Nesse interim, é indispensável evidenciar a preocupação com a saúde da população, que tem sido seriamente afetada pelo turbilhão de mudanças ocorridas nos hábitos alimentares, a partir da acelerada industrialização e das políticas estatais vigentes (GARCIA, 2003; MONTEIRO

MONDINI, 2000; OLIVEIRA 1997).

Os meios de comunicação são um dos fatores que influenciam no consumo de alimentos industrializados, sendo as propagandas a principal influência para o desejo da criança, além de, ter estratégias para chamar a atenção e lucrar com isso. O público infantil é o mais visado pelas mídias, pelo fato, das mesmas insistirem para os pais comprarem, satisfazendo assim suas vontades (VARGAS, 2006).

Vários são os meios de comunicação existentes, mas a televisão é um dos mais utilizados para o entretenimento e educação, pois tem papel importante no processo de socialização, trazendo informações, tornando-se espaço de influências para a compra de produtos, preenchendo o universo das crianças com imagens irreais (BELLONI, 2001).

A publicidade direcionada ao público infantil sustenta esforços profissionais carregador de atrativos na sedução do consumidor infantil, um poder de persuasão e obtenção de reconhecimento junto ao universo infantil, pela intermediação de brinquedos, dos personagens infantis e da marca. Esses fatores despertam nas empresas o interesse em produzir meios de consumo para o público infantil (ÂMBITO JURÍDICO, 2011).

Os produtos apresentados pelas mídias, muitas vezes não sendo “alimento” pode acarretar sérios problemas na fase adulta como diabetes, hipertensão e colesterol. A mídia ensina que comer alimentos industrializados tais como, balas, biscoitos recheados e hambúrgueres são mais interessantes do que consumir frutas, verduras e legumes. As crianças acabam não sabendo o valor dos alimentos saudáveis, não associam saúde com uma alimentação saudável e acabam fazendo a escolha errada (CARVALHO, 2016).

Segundo Coimbra (2001), o poder na mídia é um dos mais importantes equipamentos sociais para produzir esquemas dominantes de significação e interpretação do mundo. Nessa perspectiva, “ser belo” e “ser magro” se configuram como um modelo de unidade propagado pelos meios de comunicação que produzem formas de existir e se relacionar (BITTAR; SOARES, 2020)

O componente cognitivo diz respeito as crenças e pensamentos relacionados ao próprio corpo (FERREIRA et al., 2014). Segundo esses mesmo autores, investimentos no corpo a fim de melhorar a aparência física como principal critério de auto avaliação são aspectos cognitivos da imagem corporal. O segundo componente (comportamental) da imagem corporal se caracteriza por comportamentos relacionados ao corpo. Dentre eles, destacam-se a evitação e a checagem corporal, já que estes servem como parâmetros de avaliação do indivíduo no julgamento de seu sucesso ou de sua falha no controle do peso (SHAFRAN et al., 2004).

Assim, indivíduos descontentes com sua imagem corporal tendem a apresentar rituais de pesagem, medidas e comparações de seu corpo com o de outros indivíduos (FAIRBURN et al., 1999). Esses comportamentos ocorrem porque, nas sociedades ocidentais, caracterizadas por um crescente aumento de consumo e competitividade, as pessoas são induzida a ambicionar um determinado padrão de corpo (BITTAR; SOARES, 2020).

Diante a essas influências, a obesidade infantil pode trazer significativas consequências psicossociais. Se deparando com o preconceito e a discriminação que se iniciam na infância. Existe ainda extensa e crescente literatura sobre crianças obesas como alvo da estigmatização social (MELO; SERRA; CUNHA, 2009).

A autoestima de crianças obesas parece ser inversamente proporcional à idade, quando comparada a crianças de peso normal. É interessante salientar os trabalhos em que ansiedade e a depressão, baixa autoestima, vergonha, isolamento e fracasso assim como a culpa dentre outras já citados estão associadas a acentuada procura pelo alimento como gratificação ou como forma de compensação e entorpecimento das emoções (MELO; SERRA; CUNHA, 2009).

A literatura atual indica que adultos jovens estão sob risco de obesidade ou mesmo de ganharem peso em excesso na transição da infância ou da adolescência para a fase adulta de suas vidas. Os períodos mais críticos para o desenvolvimento da obesidade estão na primeira infância, durante a forte oscilação na trajetória da adiposidade corporal, que ocorre entre os cinco e sete anos e na

adolescência. A partir dos seus anos, aproximadamente, uma a cada duas crianças obesas torna-se um adulto obeso, enquanto apenas uma a cada dez crianças não obesas alcança o mesmo desfecho adulto (CONDE; BORGES, 2011).

Crianças com obesidade tem mais probabilidade de permanecerem obesas quando adultos e ainda correm o risco de desenvolverem doenças crônicas não transmissíveis. Diante desse cenário torna-se urgente adoção de estratégias para deter o avanço da obesidade infantil (RASBRAN, 2021).

Quando adulto obeso vindo desde infância apresentam mais dificuldade no convívio social, no relacionamento amoroso e sexual, na vida profissional e nos cuidados com a saúde. É preciso que os pais e educadores contribuam na formação alimentar das crianças para que essas não caiam na força do marketing e passem a ter uma alimentação sadia. Não levando consequências ruins para vida adulta (MELO; SERRA; CUNHA, 2009).

2.3 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL E A MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA DAS CRIANÇAS

Se tratando no início da vida, a principal influência são os pais e familiares, que vão educar e apresentar os alimentos, brincadeiras, objetos, costumes e outros, assim tendo um acompanhamento desde essa primeira fase da vida com base em uma educação nutricional, buscando a prevenção de futuras doenças, o primeiro passo deve ser dado junto aos pais. As crianças precisam ter contato com os alimentos in natura, conhecer os diversos cheiros e texturas, para assim criar uma base alimentar mais natural e nutritiva. E vendo os pais consumirem os mesmos alimentos fica mais propenso criar um ambiente favorável ao surgimento de hábitos mais saudáveis (LINHARES et al., 2016).

Assim, fica claro que para o combate a obesidade infantil e a prevenção de outros problemas de saúde que ela pode surgir com o decorrer do tempo, uma intervenção nutricional deve ser feita não somente com a criança, mas também com os pais e o meio social que ela está inserida. Já que não se pode tentar separar o que é feito pelos pais e o que é ofertado para a criança, a família precisa caminhar junta, favorecendo uma compreensão mais fácil da criança em aceitar determinados

hábitos. Visto que estudos apontam que pais obesos, os filhos tendem a serem obesos também. A educação nutricional tem um papel muito importante nesse aspecto de não só cuidar da saúde da criança, mas de toda a família, promovendo uma qualidade de vida mais saudável para todos (LINHARES et al., 2016).

A educação nutricional é uma estratégia que visa prevenir e controlar problemas nutricionais e alimentares, usando de mecanismos e ensinamentos que dê ao indivíduo ou coletivo a prática autônoma de hábitos alimentares mais saudáveis. Se tratando de obesidade infantil é necessário o conhecimento e ações práticas, com a participação da família, e com a execução de políticas públicas, facilitando a criação de um ambiente que dê toda a estrutura necessária para assegurar a qualidade de vida das crianças, sendo importante a participação e empenho de todos (CASTRO; LIMA; BELFORT, 2021).

Com um relatório lançado pela OMS, em 2016, com recomendações e propostas para o fim da obesidade infantil, a educação alimentar e nutricional (EAN) foi destacada em: incluir EAN no currículo principal das escolas, treinar professores na entrega de currículo em educação nutricional, integrar componentes de nutrição e educação em saúde, melhorar a alfabetização e as habilidades nutricionais dos pais e responsáveis, e disponibilizar aulas de preparação de alimentos para crianças, pais e responsáveis. Assim, para o sucesso de uma educação nutricional é importante inserir pais e familiares, mas também escola e o meio social em que a criança está presente, já que ela pode sofrer influências por ambas as partes. Sendo importante frisar o cuidado com a alimentação e a qualidade dos alimentos que as crianças consomem (CASTRO; LIMA; BELFORT, 2021).

A criança não nasce sabendo que gosta de doces, salgados ou bebidas prontas, ela aprende isso da mesma forma que pode aprender a gostar de frutas, legumes e hortaliças. E a escola tem um papel muito importante nisso, mostrando a importância de cada alimento e seus nutrientes, e ofertando uma alimentação mais saudável assegurando uma melhor qualidade de vida das crianças, visto que elas passam a maior parte da vida dentro da escola até alcançar a fase adulta (CASTRO; LIMA; BELFORT, 2021).

A escola é um ambiente favorável para a promoção de hábitos alimentares saudáveis, seja através de ações que promova a atividade física e a estruturação de cantinas com alimentos mais naturais, por meio de uma educação alimentar nutricional. Além de atividades que promovam e incentivem um melhor entendimento sobre a importância da alimentação equilibrada e como isso reflete em sua saúde, preparando os professores e funcionários, com uma educação nutricional prévia, para que seja preparadas dinâmicas e oficinas voltadas à alimentação e assim obtenha-se uma educação nutricional para as crianças (LOPES et al., 2019).

Portanto, a educação alimentar nutricional não é só importante para assegurar a qualidade de vida da criança, mas sim de todos que fazem parte de seu ciclo. Mas para que se obtenha sucesso é importante que todos se empenhem em fazer escolhas inteligentes e entendam a importância de uma alimentação mais equilibrada e saudável, para que se previna o surgimento de outras doenças ou possíveis complicações que a obesidade pode trazer para a criança. O objetivo é diminuir o número de casos de obesidade infantil, garantindo uma qualidade de vida digna para todas as crianças, pensando ao longo prazo, visto que a obesidade pode acarretar inúmeros problemas e distúrbios na fase adulta (NEVES et al., 2010).

3. METODOLOGIA

O trabalho relata sobre a obesidade infantil, o que está relacionado com a área de ciências da saúde, na qual tem como objetivo a investigação com finalidade de ensino, pesquisa e aplicações práticas (GIL, 2018).

Sendo assim, o trabalho se caracteriza como uma pesquisa básica que por sua vez, tem como propósito preencher as lacunas do conhecimento aplicado (GIL, 2018) onde, são destinadas unicamente a ampliação do conhecimento, sem qualquer preocupação com seus possíveis benefícios.

A obesidade na primeira infância requer uma importância enorme pelo fato de que a mesma está em índice muito alto, por isso, a seguinte pesquisa se caracteriza como pesquisa exploratória, para GIL (2018), a pesquisa exploratória se caracteriza

em se familiarizar com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Por isso, os planejamentos tendem a serem flexíveis, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado.

A coleta de dados pode ocorrer de diversas maneiras, mas geralmente envolve: Levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2018).

Para chegar a resultados coerentes a presente pesquisa se baseou em uma pesquisa qualitativa, para Gil (2018), a pesquisa qualitativa se relaciona com estudos de casos, pesquisas narrativas, pesquisa etnográficas, pesquisa fenomenológicas, pesquisa - ações e pesquisas participantes. Dessa forma a pesquisa qualitativa é reconhecida como importante estudo da experiência vivida, dos longos e complexos processos de interação social.

Por conseguinte, o trabalho foi elaborado através de artigos dos últimos cinco anos, e referências bibliográficas, tais como *Scielo*, Google acadêmico, Livros e Artigos científicos. Com isso, o desenvolver do trabalho será a partir dessas referências com o intuito de explorar a área da obesidade na primeira infância, tendo como fonte artigos científicos e referências bibliográficas para se obter o resultado proposto a partir dos objetivos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa possibilitou o compreender o crescimento da obesidade mundialmente, e os respectivos fatores que influencia diretamente e indiretamente para esse aumento da população obesa. Compreendendo que desde a primeira infância, pode levar a complicações na adolescência e na vida adulta.

Visto que a mídia tem um poder de influência grande na vida das pessoas, principalmente, como estudado, as crianças que estão em formação e incapazes de processar as imagens fornecidas.

Portanto, é necessário um trabalho multidisciplinar para o combate aos fatores que influenciam no surgimento da obesidade infantil, evidenciando a

importância da participação do todo que faz parte do crescimento e aprendizado das crianças, prevenindo as consequências que essa doença pode trazer ao longo da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ane Cristina Fayão; GOULART, Débora Moura Miranda; BARBOSA, Luana Pereira Cunha et al. Deficiência de vitaminas antioxidantes em crianças com sobrepeso e obesidade: uma revisão da literatura. **Revista Médica de Minas Gerais**, 2011. Disponível em: <http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/858> Acesso em: 13 jun. 2021.

BARBOSA, Vera Lúcia Perino. **Prevenção da Obesidade na Infância e Adolescência**. 2. ed. Barueri, São Paulo; Manole, 2009.

BITTAR, Carine; SOARES, Amanda. Mídia e comportamento alimentar na adolescência. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, p. 291-308, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/mfTpzZ6F3YhywBGx5tVLkgx/?lang=en> Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília; Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2008.pdf Acesso em: 14 jun. 2021.

CARVALHO, Fernanda Medeiros; TAMASIA, Gislene dos Anjos. **A influência da mídia na alimentação infantil**. Faculdades Integradas do Vale do Ribeira, 2016. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/035_influencia_midia_alimentacao_infantil.pdf Acesso em: 16 out. 2021.

CAZZAROLI, Aline Raquel. Publicidade Infantil: o estímulo ao consumo excessivo de alimentos. **Âmbito Jurídico**, 2011. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-92/publicidade-infantil-o-estimulo-ao-consumo-excessivo-de-alimentos/amp/> Acesso em: 19 ago. 2021.

CONDE, Wolney Lisboa; BORGES, Camila. O risco de incidência e persistência da obesidade entre adultos brasileiros segundo seu estado nutricional ai final da adolescência. **Revista Brasileira Epidemiol**, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/SD6KMThV9qZwfjHL8XhHr8j/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 25 set. 2021.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; ALAN, Pence. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre, Penso Editora LTDA, 2019.

DE OLIVEIRA LOPES, C. A., et al., Prevenção da Obesidade infantil: Uma proposta educativa. **Interfaces – Revista de Extensão da UFMG**, vol. 7, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/19079> Acesso em: 16 ago. 2021.

DIAS, I. S.; CORREA, S.; MARCELINO, P. Desenvolvimento na Primeira Infância: Características valorizadas pelos futuros educadores de infância. **Revista eletrônica de educação**, vol. 7, n. 3, p. 9-24, 2013. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/483> Acesso em: 16 nov. 2021.

DOS SANTOS, Lorena Legero Cuesta. **Alimentação infantil: o impacto de uma má alimentação e o excesso de açúcares no desenvolvimento de crianças de 0 a 4 anos**. Instituto Federal do Paraná, Londrina, 2018. Disponível em:

<https://londrina.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/03/LORENNALIGERO-Alimenta%C3%A7%C3%A3o-infantil-o-impacto-de-uma-m%C3%A1-alimenta%C3%A7%C3%A3o-e-o-excesso-de-a%C3%A7%C3%BAcares-no-desenvolvimento-de.pdf> Acesso em: 30 set. 2021.

FONSECA, Rafaela Mara Silva; MILAGRES, Luana Cupertino; FRANSCSCHINI, Sylvia do Carmo Castro, et al. O papel do banco de leite humano na promoção da saúde materno infantil: uma revisão sistêmica. **Ciência e Saúde Coletiva**. Viçosa, Minas Gerais. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/JVy96MGzR7gwDn57kTP46js/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FRANÇA, F.C.O.; MENDES, A.C.R.; ANDRADE, I.S.; RIBEIRO, G.S.; PINHEIRO, I.B. **Mudanças dos hábitos alimentares provocados pela industrialização e o impacto sobre a saúde do brasileiro**. Centro De Estudos Do Recôncavo – UEFS Anais do I Seminário Alimentação e Cultura na Bahia. Disponível em: http://www2.uefs.br:8081/cer/wp-content/uploads/FRANCA_Fabiana.pdf Acesso em: 18 out. 2021.

FREITAS, Andréa Silva de Souza; COELHO, Simone Côrtes; RIBEIRO, Ricardo Laino. Obesidade Infantil: Influência de Hábitos Alimentares Inadequados. **Saúde e Ambiente em revista**. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, v.4, n.2, 2009. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/sare/article/view/613>. Acesso em: 12 jun. 2021.

FRONTZER, Luciana Gaudio Martins; BERNARDES, Luana Rodrigues; MODENA, Celina Maria. Obesidade infantil: compreender para melhor intervir. **Revista da abordagem gestalt**. Goiânia, vol. 23, n.2, p. 167-174, ago., 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6^o ed. CamposElísios, São Paulo; Atlas, 2018.

LINHARES, F. M. M., et al., Obesidade Infantil: Influência dos pais sobre a alimentação e estilo de vida dos filhos. **Temas em Saúde**, vol. 16, n. 2, p. 460-481, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2016/08/16226.pdf> Acesso em: 16 nov. 2021.

MARCINI, M.C. **Tratado de Obesidade**. 3. ed. Rio de Janeiro; GuanabaraKoogan, 2021.

MELLER, Fernanda de Oliveira; ARAUJO, Cora Luiza Pavin; MADRUGA, Samanta Winck. Fatores associados ao excesso de peso em crianças brasileiras menores de cinco anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Pelotas, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.01552013> Acesso em: 16 nov. 2021.

MELO, Vinícius Lins Costa; SERRA, Paula Januzzi; CUNHA, Cristiane de Freitas. Obesidade infantil – impactos psicossociais. **Revista Médica Minas Gerais**, jul./set. 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-564343> Acesso em: 16 out. 2021.

NEVES, P. M. J., et al. Importância do Tratamento e Prevenção da Obesidade Infantil. **Educação Física em revista**, vol. 4, n. 2, 2010. Disponível em: https://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-17-3/IDP%207.pdf Acesso em: 16 nov. 2021.

OLIVEIRA, Renata Borba de Amorim; PRADO, Shirley Donizete et al. A pesquisa em nutrição clínica no Brasil. **Revista de Nutrição**. Campinas, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/mhtTzY3wnHsbxGMdWyQFrqc/?lang=pt> Acesso em: 10 jun. 2021.

PEREIRA, Thaynara Alves de Miranda; FREIRE, Agna Kellen Gomes; GONÇALVES, Vivian Siqueira Santos. Aleitamento materno exclusivo e baixo peso em crianças de zero a seis meses acompanhadas na atenção básica no Brasil, 2017. **Revista Paulista de Pediatria**. Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/FRNbgRqqNQPQSRHVyQcSjNp/?lang=en>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PINTO, Sebastião Leite; BARRUFFINI, Ana Carolina Cárnio; SILVA, Vanessa Oliveira, et al. Avaliação da autoeficácia para amamentação e seus fatores associados em puérperas assistidas no sistema público de saúde no Brasil. **Revista Brasileira Saúde Materno Infantil**. Recife, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/zpDrdyY5tLBZkXCzGWWwhzQ/?lang=en>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SAITO, Kalyn Cavallari; CANHONE, Adriano Bertoni; SENE, Camila Tristão, et al. Estratégia de intervenção na atenção primária à saúde e educação para a prevenção da obesidade na primeira infância. **Revista Qualidade HC**. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.hcrp.usp.br/revistaqualidade/uploads/Artigos/356/356.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SULZBACH, Élen Aline Giovanella; BOSCO, Simone Morelo. Obesidade Infantil – Uma revisão bibliográfica. **Revista destaques acadêmicos**, vol. 4, n. 3, 2012. Disponível em: <http://www.univates.com.br/revistas/index.php/destaques/article/view/156>. Acesso em: 10 jun. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, M. A.; DE LIMA, G. C.; PINTO BELFORT ARAUJO, G. Educação Alimentar e Nutricional no combate à obesidade infantil: visões do Brasil e do Mundo. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição –RASBRAN**, vol. 12, n. 2, p. 165-183, 2021. Disponível em:

<https://www.rasbran.com.br/rasbran/article/view/1891> Acesso em: 16 ago. 2021.

WEFFORT, Virgínia Resende Silva; LAMOUNIER, Joel Alves. **Nutrição em Pediatria da neonatologia á adolescência**. 1º ed. Barueri, São Paulo; Manole, 2009.